

Criatividade, Dor e Arte

Richard Perassi Luiz de Sousa¹

Resumo

O presente artigo aborda os termos criação e criatividade, indicando suas características e motivações, além de destacar o exercício artístico como campo de emergência criativa. Dentre as motivações à criatividade, tanto as dores físicas quanto psicológicas são indicadas como elementos motivadores da criação artística. O corpo é o campo de todas as experiências vivenciadas e memorizadas, portanto, é fonte primeira de todo o conhecimento lógico ou afetivo. Há uma memória e uma criatividade que são próprias do corpo. Mas, além disso, das vivências do corpo decorrem suas próprias dores e também as dores do espírito. As paixões, nas suas manifestações eufóricas ou dolorosas motivam as expressões artísticas.

Palavras Chaves: Arte. Criatividade. Dor. Corporeidade.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, richard.perassi@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO

1.1 Sobre Criação e Criatividade

O conhecimento é memória e nasce no corpo, que é o campo de todas as experiências vividas e registradas pelo organismo.

A livre associação dos dados armazenados na memória mental, consciente ou inconsciente, propicia a imaginação criativa, que é um tipo de criatividade. Os componentes desta criatividade são os próprios dados da memória sensível, afetiva e cognitiva, relacionados por associações conscientes e inconscientes (READ, 1982). Mas, além disso, o próprio corpo interagindo no mundo também é campo de memória e criação (MERLEAU-PONTY, 1990).

Há uma memória do corpo e uma criação que se desenvolve e se manifesta no próprio organismo, determinando seus procedimentos de adaptação funcional ou mesmo biológica. Os momentos de criação e adaptação garantem a continuidade e o desenvolvimento das espécies e indivíduos.

Poiésis é criação e estas adaptações do corpo aos aspectos condicionantes e limitadores do mundo implicam em *autopoiésis*, ou seja, autocriação (MATURANA; VARELA, 2001).

Neste texto, portanto, criação é sinônimo de produção ou reprodução objetiva e determinante da geração de uma nova entidade ou materialidade no mundo.

Por sua vez, o termo criatividade responde por condições internas do ser que possibilitam a criação. Assim, para desenvolver uma imaginação criativa é preciso ter criatividade, ou seja, é preciso ter condições de ser criativo e criar.

Em uma visão bem abrangente, criatividade é sinônimo de fertilidade, termo que reúne as condições biológicas para os organismos produzirem e reproduzirem.

Além das condições que determinam a criatividade e a fertilidade, os processos criativos dependem de motivações externas ou internas que instigam o ato de criação.

1.2 Da Possibilidade e da Necessidade de Criação

A criação busca a completude, a religação da parte com o todo, visando suprir a fratura existente entre o ser e o mundo. No caso do ser humano, a consciência dessa fratura entre o eu e o outro, entre o eu e o mundo, é motivo de dúvida, insegurança e angústia.

A psicanálise assinala o momento em que a criança toma consciência de sua existência separada de sua mãe e do mundo. A filosofia assinala essa mesma separação no âmbito da cultura, evidenciando a fratura entre a percepção e o conhecimento humanos e a realidade do mundo que lhe é inacessível em sua plenitude.

Na sua filosofia Platão (427-348 a.C.) assinala as diferenças entre o Ser e o Ente. Muitos séculos depois, Kant (1724-1804) advertiu sobre a impossibilidade de se conhecer a completude do real, que foi definida por ele como “a coisa em si”, assinalando a diferença entre o “numeno”, dado real e o “fenômeno”, que é o dado percebido.

Nesse espaço entre os limites da percepção do homem e a provável verdade do mundo são criadas as linguagens, todas as formas culturais de representação e simulação da realidade, de acordo com as condições sócio-históricas do momento de sua produção.

A dinâmica histórico-cultural determina o devir dessas criações: suas expressões, linguagens e técnicas de interação com o mundo, considerando tanto os aspectos interiores quanto exteriores ao ser humano.

As reações do homem perante sua descontinuidade com relação ao mundo que o criou variam entre a submissão, que demarca o estado trágico; a alucinação ou alienação, e a dominação que é instituída sob o domínio da razão.

A arte se estrutura na consciência dessa separação, resistindo à alucinação e à alienação. Para Michel Foucault (1999, p. 68), “o poeta faz chegar a similitude até os signos que a dizem, o louco carrega todos os signos com uma semelhança que acaba por apagá-los”.

1.3 Dor e Criação Artística

Há especificamente a dor física, mas, além disso, a origem de toda dor é o corpo, porque são as percepções e sensações que, em primeira instância, determinam os afetos e a afetividade.

Para evitar a dor e a morte, os organismos remanescentes ao processo de seleção natural criaram modos de adaptação funcional e biológica. De modo grotesco, mas eficaz, a

sabedoria popular se refere à criação de modelos adaptados ao afirmar que “o corcunda sabe o jeito como deita”.

Sobre a arte, independente de todas as funções objetivas que lhe possam ser indicadas, a função estética é predominante e determinante nas obras de arte. Por definição, a estética relaciona os estímulos percebidos às respostas afetivas.

A arte é produto da afetividade, promovendo percepções e afecções. A ação poética, que compõe a atuação do artista depende de uma paixão, de um *pathos*. Mozart afirmou que "para fazer uma Obra de Arte, não basta ter talento, não basta ter força, é preciso também viver um grande amor". É possível acrescentar o seguinte complemento à frase: ou sofrer uma grande dor.

Afetado pela paixão, o artista impregna sua obra com essa paixão. A obra assim constituída passa também a expressar um estado de paixão, constituindo um *ethos* apaixonado. Diante da obra, o espectador é afetado por este (*ethos*) estado da obra, passando a viver sua própria paixão (*pathos*).

O poeta Manoel de Barros (1982, p. 30) afirma que para fazer poesia é necessário “adoecer as palavras”, retirá-las de seu estado convencional.

A possibilidade de liberação afetiva durante a vivência estética foi designada por Aristóteles (384–322 a.C.) como catarse. A palavra original em grego, *katharsis*, significa purificação, purgação.

O processo de fruição artística desenvolve três estados. Há o primeiro estado de empatia, o compartilhamento de uma mesma paixão, que dispõe o espectador ao segundo estado, que é a vivência desta paixão, e ao terceiro estado que é a catarse, a liberação da paixão (NIETZSCHE, 1873/1991).

A catarse é a realização de uma experiência vivida com o outro, como no teatro, que abre as portas para a simulação das mais arriscadas vivências emocionais, em que vivemos, matamos e morremos na relação empática com os personagens da peça.

No teatro, o espectador convive com as imagens os sons emitidos pelos atores, isso indica que todas as coisas expressivas, ou seja, perceptíveis, também podem despertar e liberar afetos.

Mesmo o que não pode ser compreendido pode ser vivenciado por empatia. No geral, o público quando ouve um canto em uma língua desconhecida não compreende o que está sendo comunicado, mas, mesmo assim, é tocado afetivamente e se emociona com os sons que ouve, porque os sentimentos são despertados pela música.

A busca de prazer e de purgação das afecções dolorosas direciona os homens para a arte, tanto como criadores quanto espectadores. A quem diga que se escreve um livro para se livrar dele. É mais apropriado dizer que se escreve um livro para expressar idéias e liberar afetos de modo que se possa interagir objetivamente com esses dados cognitivos e afetivos.

Paradoxalmente, é a dor que impulsiona a criação e a fruição artística na direção do prazer. Isso envolve duas motivações: a primeira é a realização de desejos e a segunda é o alívio das dores.

A expectativa de realização de um desejo é sempre dolorosa, porque o desejo se instala com uma paixão. Há uma necessidade que precisa ser suprida para que um estado de ansiedade ou angústia seja substituído por um estado de realização e plenitude, mesmo que momentâneo. Há muitas músicas que relatam o estado doloroso de um desejo não realizado, uma delas diz: “fomos feridos pelo amor”.

A arte não garante a realização de desejos, mas permite sua expressão. A arte permite e propicia a expressão de afetos conscientes e inconscientes e a experiência humana tem confirmado que isso propicia alívio e prazer. A arte estabelece pontes sobre a fratura original que separa o homem do mundo, que separa o desejoso do objeto de seu desejo. Porém, de modo diferente do alucinado, o artista é consciente de que representa e que a representação é diferente do objeto representado.

O estudo das causas e justificativas para o fenômeno artístico são mais pertinentes à filosofia, à psicologia e, principalmente, à psicanálise, não cabendo à arte explicá-las. Todavia, recorrendo novamente à sabedoria popular, quando essa afirma que “a necessidade faz o sapo pular”, deve-se considerar que a existência das manifestações artísticas, principalmente, daquelas que só desempenham sua função estética, deve ter uma causalidade que, certamente, está relacionada aos afetos e à dor.

Creativity, Art and Pain

Abstract

This article discusses the terms creation and creativity, indicating their characteristics and motivations, highlighting the artistic exercise as a field for creative emergence. Among the motivations for creativity, both physical and psychological pains are indicated as motivating elements of artistic creation. The body is the field of all experiences memorized and therefore is the ultimate source of all logical or emotional knowledge. There is a memory and a creativity that are proper of the body itself. Beyond this, from the experiences of the body derive not only their own aches and pains but also the spirit pains. The passions, in their euphoric or painful manifestations motivate artistic expressions.

Key Words: Art. Creativity. Pain. Corporeality.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Arranjos para Assobio**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 4a ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

MATURANA, H. e VARELA, F. **A Árvore do Conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich W. (1873) **Obras incompletas**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

READ, Herbert. **A Educação pela Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.